

**AGRI(CULTURA) E IDENTIDADE QUILOMBOLA NA COMUNIDADE
GROTA DAS OLIVEIRAS (SAÚDE, BA)**

**AGRI(CULTURE) AND QUILOMBOLA IDENTITY IN THE GROTA
DAS OLIVEIRAS (SAÚDE, BA)**

**AGRI(CULTURA) Y IDENTIDAD QUILOMBOLA EM LA COMUNIDAD
GROTA DAS OLIVEIRAS (SAÚDE, BA)**

**AGRI(CULTURE) ET IDENTITÉ QUILOMBOLA DANS LA COMMUNAUTÉ DE
GROTA DAS OLIVEIRAS (SAÚDE, BA)**

Jusci Xavier da Silva

Licenciada em Geografia, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Jacobina (BA), Brasil.

jhuscyxavier@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-5097-5275>

Milena Gonçalves da Silva

Licenciada em Geografia, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Jacobina (BA), Brasil.

mygoncalves@live.com

<https://orcid.org/0009-0004-8670-7644>

Jamille da Silva Lima-Payayá

Professora do Departamento de Ciências Humanas (DCH-IV), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Jacobina (BA), Brasil.

jaslima@uneb.br

<https://orcid.org/0000-0002-9590-3370>

Recebido em: 15/04/2024

Aceito para publicação: 13/11/2024

Resumo

A luta quilombola perpassa a busca pelo direito à terra, como base para a sobrevivência e a manutenção de seus modos de vida. A agricultura familiar tem sido uma das bases para tal processo de resistência histórico, que demanda uma base territorial em seu sentido político, econômico e identitário. A agricultura, neste contexto, é expressão da relação com a terra, destacando também o sentido cultural e comunitário inerente à prática agrícola, não dissociado de uma prática política. O artigo investiga estas relações na Comunidade Quilombola Grota das Oliveiras, no município de Saúde (BA), identificando o papel articulador da agricultura familiar como estratégia de fortalecimento da identidade quilombola. **Palavras-chave:** Quilombo; Agricultura Familiar; Resistência.

Abstract

The Quilombola struggle is all about the right to land as a basis for survival and maintaining their way of life. Family farming has been one of the bases for this process of historical resistance, which demands a territorial base in its political, economic and identity sense. Agriculture, in this context, is an expression

of the relationship with the land, also highlighting the cultural and community sense inherent in agricultural practice, not dissociated from a political practice. The article investigates these relationships in the Grota das Oliveiras Quilombola Community, in the municipality of Saúde (BA), identifying the articulating role of family farming as a strategy for strengthening quilombola identity.

Palavras-chave: Quilombo; Family farming; Resistance.

Resumen

La lucha quilombola atraviesa la búsqueda del derecho a la tierra, como base para la supervivencia y el mantenimiento de sus modos de vida. La agricultura familiar ha sido uno de los pilares de este proceso de resistencia histórica, que demanda una base territorial en su sentido político, económico e identitario. La agricultura, en este contexto, es una expresión de la relación con la tierra, destacando también el sentido cultural y comunitario inherente a la práctica agrícola, no desvinculado de una práctica política. El artículo investiga estas relaciones en la Comunidad Quilombola Grota das Oliveiras, en el municipio de Saúde (BA), identificando el papel articulador de la agricultura familiar como estrategia de fortalecimiento de la identidad quilombola.

Palabras-clave: Quilombo; Agricultura Familiar; Resistencia.

Résumé

La lutte quilombola passe par la recherche du droit à la terre, comme base pour la survie et le maintien de leurs modes de vie. L'agriculture familiale a été l'un des piliers de ce processus historique de résistance, nécessitant une base territoriale dans son sens politique, économique et identitaire. L'agriculture, dans ce contexte, est une expression de la relation avec la terre, mettant également en avant le sens culturel et communautaire inhérent à la pratique agricole, qui n'est pas dissocié d'une pratique politique. Cet article examine ces relations dans la Communauté Quilombola de Grota das Oliveiras, dans la municipalité de Saúde (BA), en identifiant le rôle de l'agriculture familiale comme stratégie de renforcement de l'identité quilombola.

Mots-clés: Quilombo; Agriculture Familiale; Résistance.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir o papel da agricultura familiar como relação com a terra, dando ênfase ao sentido cultural inerente à prática agrícola. Como lembra Giraldo (2015), agricultura se relaciona ao habitar e ao cultivar a terra, como modo de ser-e-estar-no-mundo. A agri(cultura), neste sentido, não se resume aos resultados da atividade (os produtos), mas a todo o processo, envolvendo os modos de vida e seus aspectos culturais. Assim, a agricultura familiar, segundo Giraldo (2015), seria uma forma fundamental de resistência ao sistema agroexportador que opera a partir da espoliação da terra e dos diferentes povos.

Cultivar a terra, de maneira familiar (ou seja, ligado às tradições da lida com a terra e de maneira comunitária), seria, neste sentido, uma forma de resistência e combate, como enfrentamento da colonialidade persistente (Porto-Gonçalves, 2017).

Dentre aqueles que têm cultivado essa prática agrícola como cultura, identidade e resistência, estão as comunidades quilombolas, que têm mobilizado a agricultura como estratégia de fortalecimento de sua própria identidade, convertendo-a em instrumento de luta (Fidelis; Bergamasco, 2013; Almeida; Nascimento, 2022). Este aspecto identitário da agricultura familiar é profundamente político, pois permite a manutenção dos modos de vida, tanto nas atividades laborais, quanto nos rituais, no tipo de alimentação e nas tradições associadas à cultura que

constituem a comunidade. A agricultura familiar permite, portanto, resistir aos processos de padronização do consumo e da alimentação, bem como ao modo de vida pautado em trabalhos assalariados ligados à urbanização e ao “sistema colonialista”, para usar a expressão de Antônio Bispo dos Santos (2015).

Para isso, é necessário ter acesso à terra, algo negado às comunidades negras na história da colonização. A luta pela terra no campo (na forma dos quilombos) e as lutas dos movimentos negros urbanos se associaram na pressão ao trabalho da Constituinte de 1988, resultando na aprovação do Artigo 68 que garante o direito às terras de quilombos. Desde então, muitas de comunidades têm conseguido o direito à terra, criando novos espaços políticos na sociedade brasileira. A conquista, pautada no cultivar a terra, permite não apenas o cultivo da terra, mas o cultivo da ancestralidade, da cultura e da identidade quilombola (Arruti, 2008).

Em tal situação de desigualdade, os grupos minoritários passam a valorar seus traços culturais diacríticos e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas. Sua relação com a terra, neste contexto, é mobilizada como símbolo ou forma de resistência cultural, reforçando a força simbólica do território.

O método para identificação e reconhecimento das comunidades quilombolas brasileiros está sob a responsabilidade da política desenvolvida pela Fundação Cultural Palmares. Criada em 22 de agosto de 1988, pelo Governo Federal, a instituição pública é voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira.

O conceito de quilombo é central para a execução de tal política territorial e identitária, pois é ele que é o objeto principal da política. Sobre ele, Alfredo W. B. Almeida afirma:

O conceito de quilombo não pode ser territorial apenas ou fixado num único lugar geograficamente definido, historicamente “documentado” e arqueologicamente “escavado”. Ele designa um processo de trabalho autônomo, livre da submissão aos grandes proprietários. Neste sentido, não importa se está isolado ou próximo das casas-grandes (ALMEIDA, 2011, p. 45).

No período colonial, os quilombos eram apresentados como locais nos quais os escravizados fugidos das fazendas se refugiavam para se manter a salvo dos escravocratas – conceito que vem sendo amplamente rechaçado pelo menos nos últimos 20 anos (Schmitt; Turati; Pereira, 2002). Segundo João José Reis (1996), a formação dos quilombos é um aspecto da escravidão no Brasil, pouco estudado, chamando a atenção para um engano que predomina (cada vez menos frequente), de conceber o quilombo como local de escravos fugidos, isolado no alto da Serra. No artigo “Escravos e Coiteiros no Quilombo do Oitizeiro, Bahia 1806”, Reis (1996) afirma que um grande número, ou talvez a maioria dos quilombos, não tenham esta origem. Para o autor, os quilombos se estabeleciam próximos às fazendas, engenhos e centros urbanos, mantendo uma relação ora conflituosa, ora amistosa, ressaltando que eram poucos os escravos fugidos que faziam parte da formação quilombola.

A formação dos quilombos do período colonial ao contemporâneo está vinculada às violências derivadas de uma ideologia racista que desumaniza a(o) negra(o) e a(o) localiza como uma categoria infra-humana, que justifica (como que autorizando) a violência, favorecendo o

surgimento de políticas que promovem a apropriação de seus territórios enquanto mercadoria (Fernandes; Santos, 2016).

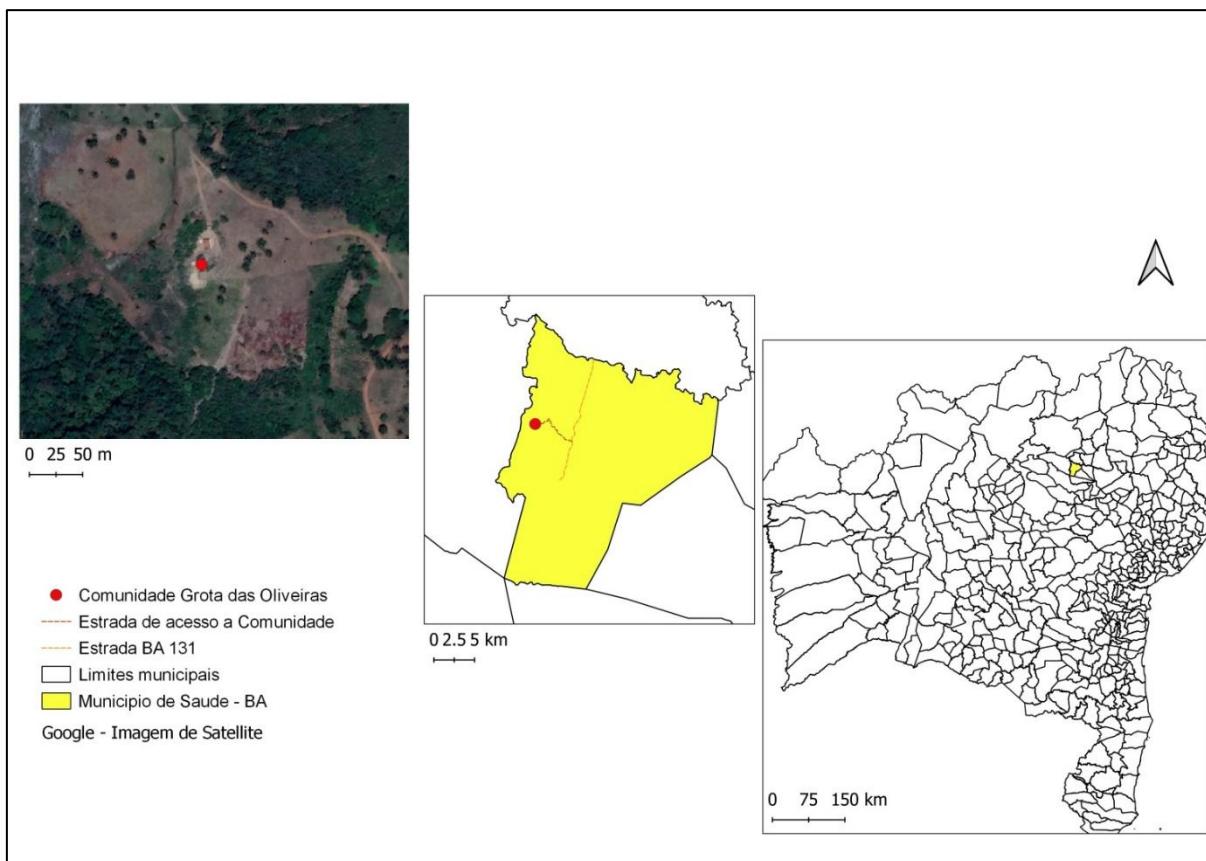
Por sua vez, o documento produzido pelo Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais da Associação Brasileira de Antropologia (ABA, 1994, p. 2) propõe que os quilombos sejam tomados como “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”, cuja identidade se define por “uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados”. O documento cita ainda o art. 68 da constituição de 1988, como a base para a legitimidade e o reconhecimento destas comunidades. A este respeito, Fernandes e Santos (2016, p. 12) ratificam: “Após a legislação da Constituição Federal de 1988, com o art. 68 e seus avanços no ano de 2003 com o Decreto presidencial 4.4887/2003, que formaliza a garantia do direito a terra e o reconhecimento às comunidades quilombolas por meio de sua autoatribuição”.

Essa garantia constitucional foi fundamental para que, desde então, muitas comunidades em todas as partes do país realizassem processos de retomada, buscando a titulação das terras para garantir sua sobrevivência. A identidade quilombola se tornou um ativo político neste processo, sendo o caminho para o fortalecimento das comunidades. Embora haja muitos quilombos em áreas urbanas (em parte pelo próprio processo de urbanização ou, de outro lado, pelo processo de segregação socioespacial profundamente racializado em nossa história – Carril, 2006), pode-se dizer que a maior parte das comunidades quilombolas são relacionadas aos modos de vida rural, mantendo atividades de produção, estilos de vida e organização do trabalho pautadas em práticas ancestrais de agricultura familiar.

Este é a situação da Comunidade Quilombola Grota das Oliveiras, localizada no município de Saúde (BA), o qual faz parte da Microrregião de Jacobina, no Território de Identidade do Piemonte da Chapada Diamantina. Seu nome está relacionado à abundância da planta Oliveira, “*Olea europaea*”, farta naquelas terras. A comunidade recebeu a certificação da Fundação Cultural Palmares em 18 de agosto de 2017, fruto de anos de mobilização e luta pelo reconhecimento.

O artigo parte das experiências históricas dos moradores da comunidade, a partir da escuta de suas histórias, o que inclui suas lutas e labuta diária para construção do povoado. A pesquisa buscou levantar componentes da vivência comunitária que permitissem compreender o modo como a agricultura familiar constituiu aspecto articulador da identidade quilombola da comunidade. O trabalho de campo envolveu a descrição da experiência das pesquisadoras, observação participante, composição de fotografias e realização de entrevistas semiestruturadas. Ele foi realizado ao longo do ano de 2023. Além das entrevistas, o conjunto da vivência de campo, nas quais diálogos variados permitiram o compartilhamento de narrativas dos agricultores associadas tanto às práticas agrícolas, quanto às tradições culturais, à história da comunidade (sua luta pela titulação) e os desafios dos povos negros em uma sociedade racista como a brasileira.

Figura 01 – Mapa de localização da Comunidade Quilombola Grota das Oliveiras no município de Saúde (BA)



Fonte: Elaboração, Jusci Xavier 2023, dados IBGE, 2023 – Sistema de Coordenadas geográficas, datum SIRGAS 2000.

Comunidade Grota das Oliveiras: luta e resistência quilombola

Para uma melhor compreensão da história da comunidade de Grota das Oliveiras, é importante tratar brevemente do município de Saúde, onde a mesma se localiza. O município de Saúde abrange uma área de 509,098 km², fazendo divisa com os municípios de Caldeirão Grande, Caém, Mirangaba, Pindobaçu e Ponto Novo. O município está localizado no chamado Território Piemonte da Chapada Diamantina, a oeste da capital do estado baiano, à exatamente 353 km. A sede do município está numa altitude de 542m acima do nível do mar, com uma população residente, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022, em 10.478 pessoas.

Figura 02 – Escarpas e vegetação. Grotas das Oliveiras, Saúde (BA)



Foto: Jусi Xavier, 2023.

A Grotа das Oliveiras está localizada a quase 12 km da sede do município. Saindo de lá, o caminho passa pela rodovia BA-131, sentido Pindobaçu (BA), passando pelo povoado do Paiaia, onde seguimos a estrada passando pelo povoado Canoa. Ao continuar, percebemos que o trajeto começa a apresentar dificuldades, com ladeiras muito íngremes que podem obstarizar o acesso. A Grotа das Oliveiras possui duas entradas, sendo uma mais acessível, possibilitando o tráfego de veículos, mesmo apresentando algumas dificuldades.

Na Comunidade Quilombola Grotа das Oliveiras vivem aproximadamente 35 famílias de agricultores. Por muito tempo, a principal via de acesso entre a comunidade e a cidade foi uma trilha estreita aberta no meio da mata pelos próprios moradores, “no facão”. Um dos grandes desafios dos moradores foi e continua sendo o difícil acesso à comunidade, sendo os principais meios de transporte o burro, o jumento e a moto, o que impacta as possibilidades de escoamento dos seus produtos agrícolas. Nota-se que é um lugar de difícil acesso, devido à morfologia das estruturas escarpadas da área, a qual faz parte das serras do Território de Identidade do Piemonte da Chapada Diamantina (microrregião do município de Jacobina).

Toda essa área é de atuação histórica dos Payayá, um dos povos indígenas mais numerosos no sertão baiano, que foram duramente perseguidos e durante os séculos de colonização, chegando a ser declarados extintos pelo sistema colonial. Sua retomada e atuação mais recente é testemunho de laços com os povos negros que foram trazidos à força para a região, em uma

articulação regional de construção de redes como forma de resistência (Oliveira; Lima-Payayá, 2022).

Figura 03 – Bananal com mata ao fundo. Grotas das Oliveiras, Saúde (BA)



Foto: Jusi Xavier, 2023.

De acordo com as entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, os moradores da comunidade mudaram-se de uma área que atualmente faz divisa com o município de Mirangaba, conhecida como Lajeado, que também é uma comunidade quilombola. Ali, no entanto, as terras eram muito pedregosas e com baixa fertilidade, o que acarretava frequentemente dificuldades para a subsistência de uma comunidade dependente da agricultura. Além disso, no Lajeado as pessoas não possuíam a posse das terras (trabalhavam em terras cedidas), apenas para “plantar o que comer” e fazer a pastagem para o proprietário das terras, ou seja, para os coronéis da época. Trabalhavam muito e não conseguiam quase nada de rendimentos, lutando para sobreviver. Diante de todas as dificuldades encontradas, em determinado momento, ouviram um comentário, um “causo” sobre umas terras depois da serra, que estavam com um preço excelente e que dispunham de grande fertilidade, despertando assim o interesse da comunidade. Decidiram então sair de sua comunidade de origem para se restabelecer na comunidade vizinha, a Grota das Oliveiras. Mesmo apresentando empecilhos, quando analisamos o processo de deslocamento, o potencial agrícola que permitiria melhores perspectivas para a subsistência das famílias foi fundamental para a decisão.

Figura 04 – Quintal Produtivo na Grotas das Oliveiras, Saúde (BA)



Foto: Milena Gonçalves, 2023.

Ao chegarem à Grota das Oliveiras, encontraram terras férteis, o que possibilitou uma grande oportunidade para melhorarem de vida. Eles iniciaram suas produções no plantio da banana, aipim, mandioca, abacate, abacaxi, dentre outras variedades de alimentos, que passaram a produzir. A abundância de água, em olhos d'água, cachoeiras, pequenos riachos e poços facilitou o processo de adaptação, restando apenas o acesso da comunidade à cidade como obstáculo a ser vencido semanalmente, pois os produtos precisavam ser vendidos na feira-livre de Saúde, sendo essa a principal fonte de renda das pessoas da comunidade:

[...] Da própria lavoura, com o cultivo das culturas comuns aqui como: a mandioca, banana, abacaxi, batata, hortas [...] que transformam em vários outros produtos como a farinha, a tapioca, sequilhos, temperos, bolo [...] atualmente possuem uma cozinha comunitária, por meio de placas solares, que tem ajudado bastante na transformação destes produtos (Moradora, 2023).

Todas as sextas-feiras de tardezinha, no mercado principal da cidade, podemos observar muitos dos moradores da Grota das Oliveiras chegando com os seus animais, transportando nas “cangáias” os alimentos produzidos na roça. Eles guardam as mercadorias nos boxes, para que no dia seguinte sejam vendidas em suas barracas, na feira-livre. “Agricultores das

comunidades garantem sua renda, comercializado no mercado local, na sede do município” (Moradora, 2023).

Figura 05 – Detalhe da produção de Banana. Grotas das Oliveiras, Saúde (BA)



Foto: Milena Gonçalves, 2023.

A segurança que a terra proporciona se mostra, assim, essencial para garantir a dignidade da comunidade quilombola, pois, da terra, não se consegue apenas a subsistência, mas toda a expressão sociocultural e religiosa de uma coletividade que se identifica com aquele chão. Neste sentido, garantir o direito à terra é garantir a possibilidade de reprodução dos modos de vida por meio do alimento, da cultura e do exercício político da identidade territorial.

Agricultura Familiar e Identidade Quilombola

Fernandes, Galindo e Valencia (2020) colocam a questão da identidade quilombola em uma chave política, como necessidade que está associada diretamente à possibilidade de sobrevivência das comunidades. É nesta perspectiva que a luta por reconhecimento não está dissociada da luta pelo acesso à terra, não como propriedade (no sentido capitalista), mas como possibilidade de estar com os seus, de praticar e cultivar referências simbólicas e intersubjetivas que, quando compartilhadas entre si, permitem o fortalecimento do grupo. “Assim, o encontro da categoria quilombola à vida nas comunidades quilombolas torna-se uma força organizante para as formações identitárias das comunidades negras rurais” (Fernandes; Galindo; Valencia, 2020, p. 5).

[...] processo identitário que se trata aqui é construído como um fenômeno antagônico à dominação vivida, o qual se produz sobre certos determinantes históricos, políticos e sociais. Ou seja, a identidade quilombola define-se pelas relações de poder que se lançam sobre os quilombos, como necessidade política de construir para si formas de enfrentamento às forças hegemônicas (Fernandes; Santos, 2016, p. 15).

A prática agrícola é a principal fonte de recursos para a subsistência dos membros das famílias da comunidade. A lida com a terra é um saber compartilhado, culturalmente significado e transmitido pelos familiares mais experientes, que compartilham sua vivência em relação à utilização do solo e ao manejo das sementes e das plantas para seus descendentes. Esta prática permite manter viva a tradição para que as futuras gerações também possam cultivar este modo de vida no futuro, por meio da renda proveniente do lavar a terra.

Famílias quilombolas têm seu jeito próprio de se organizar a partir de seus modos de vida, respaldados em sua ancestralidade. Assim, o modo de produção não é orientado apenas pelas questões ambientais (clima, solo, biodiversidade), mas também por esta cultura que remete ao modo de vida e à ancestralidade.

Para os territórios quilombolas a criação de uma associação é marco inicial para regularização do território e o elo com instituições públicas e privadas. O associativismo instrumentaliza as ferramentas e aproxima da busca por autonomia em promoção do desenvolvimento local (Leonello, 2010). Na comunidade Grota das Oliveiras, a Associação Quilombola Grota das Oliveiras foi fundada em 13 de outubro de 2013. A associação é formada por moradores da comunidade, que se reúnem todo segundo domingo de cada mês para debaterem as demandas internas e manter todo o funcionamento da comunidade. Nesse momento, são apresentados e discutidos os problemas existentes, podendo assim, serem contornados e determinarem uma solução.

De mês em mês nos encontros. Todo mundo dá sua opinião. Falamos todos e aí vai ver como é que fica ou como está cada situação. É a hora que ver qual decisão que a maioria dá por certo. Aí, a gente segue esse acordo. Todos os quilombolas são convidados a participar das reuniões da associação. (Moradora, 2023).

A associação tem um papel fundamental, impulsionada pelo movimento constante de seus líderes e moradores junto ao poder público e privado, buscando parcerias e contemplação de políticas públicas que garantam seus direitos, já que foram privados por tanto tempo.

Oportuniza aos moradores condições de inclusão social e de geração de renda, incentivando à permanência das atividades de agricultura familiar, além de outras que possa gerar renda para comunidade.

Salvoldi e Cunha (2010, p. 25) afirmam que a agricultura familiar tem na família a “estrutura fundamental de organização da reprodução social, através da formulação de estratégias (conceituais ou não) familiares e individuais que remetem diretamente à transmissão do patrimônio material e cultural”. As famílias incentivam a participação efetiva de todos os membros no processo de plantio e colheita de seus alimentos. Desde o período da infância, eles participam dos momentos de produção agrícola na comunidade, compartilhando experiências, o que contribuiu para o engajamento dos novos membros da comunidade que, em seu crescimento, aprendem uma forma de sobrevivência projetada para o futuro.

Sobre como são desenvolvidas as atividades relacionadas ao plantio e à colheita na comunidade, uma moradora ouvida afirma:

Cada um cuida da sua roça e quintais produtivos. E, quando precisamos da ajuda, buscamos trabalhar em mutirão. Tudo isso a partir dos diários ensinamentos familiares de pai para filhos. Aprendemos a trabalhar na roça desde muito cedo, ainda jovens (Moradora, 2023).

Os mutirões na roça representam um fazer coletivo em que a prerrogativa é a solidariedade e ajuda mútua. As atividades em mutirões na comunidade são uma constante, permitindo otimizar tempo e os esforços físicos no desenvolvimento das atividades produtivas. Os mutirões são atividades típicas de comunidades com fortes vínculos culturais e sociais, demarcando um compartilhamento que ultrapassa as relações monetárias. Estas e as demais atividades relacionadas ao cultivo e à manutenção da comunidade são tarefas desenvolvidas por toda família: homens, mulheres, adolescentes, cada qual ajudando como é possível de acordo com suas condições.

A agricultura familiar e o trabalho comunitário é uma herança e um aprendizado. Um dos moradores do Quilombo, de 62 anos de idade, relata que sempre morou na Grota das Oliveiras e sempre trabalhou na agricultura desde que “se entende por gente”. Ensinado por seus pais, atualmente com 92 anos, tem cultivado principalmente, mandioca, aipim, banana e outras fruteiras. Como agricultor, afirma que as terras onde ele trabalha (assim como em toda a Grota das Oliveiras) são terras férteis e muito boas para a agricultura.

As práticas tradicionais que orientam a produção na Grota das Oliveiras são de base ancestral, oriunda dos conhecimentos construídos na relação cultural e comunitária com a terra, passada de geração a geração. Baseia-se no uso de ferramentas simples, como enxadas e machados, amalgamada com as tradições e o modo de vida quilombola.

Isso se expressa na articulação das atividades culturais comunitárias e a própria prática agrícola. Danças, cantigas de roda, contação de histórias e declamação de versos e as celebrações religiosas estão sempre articuladas com os ritmos da lavoura, as características do território e a cultura da comunidade (Brandão, 1989). Tais tradições foram trazidas desde o Lajeado e têm se renovado na Grota das Oliveiras. A comunidade criou, por exemplo, um grupo de samba de roda, “Samba Palmas e Versos”, que tem difundido a cultura da

comunidade para diversas localidades da região, como uma herança ligada aos saberes afrodiaspóricos e quilombola.

Figura 06 – Mutirão familiar na Grota das Oliveiras, Saúde (BA)



Fonte: Jusci Xavier, 2023.

As rodas de samba constroem mobilização popular, participam da sociedade nas suas dimensões artísticas, culturais e políticas, promovendo a continuidade do coletivo negro, sua matriz ancestral africana reinventada na contemporaneidade.

Considerações finais

Frente a tantas desigualdades, é preciso um enorme esforço para superar as adversidades e sobreviver para garantir-se nos territórios (ANJOS, 2010).

A constituição histórica dos quilombos envolveu múltiplas experiências dos povos africanos na diáspora, a partir do contato com outras formas de resistência, adaptando-se, desta forma, aos contextos locais e temporais. Esses aspectos elucidam as questões preliminares que nortearam a presente pesquisa e evidenciam a forma com que estas populações se afirmam quilombolas, tendo como base uma identidade quilombola associada à sua ancestralidade e à relação com a terra-território. Trata-se de formas e estratégias de resistência desenvolvidas historicamente.

Assim, os processos históricos constituem elementos de grande relevância, pois contribuíram para a construção de uma identidade marcada pela construção dos laços familiares que se mantiveram ao longo das gerações. Ficou evidente, por meio dos depoimentos de quilombolas da Grota das Oliveiras, que na produção agrícola de base familiar praticada de forma tradicional, são preservados os saberes passados de geração a geração, fortalecendo uma identidade que é política e territorialmente significada.

Os membros da comunidade participam ativamente das reuniões da associação, sendo o envolvimento em associativismo uma das maneiras de atuação em conjunto, visando a maximização dos esforços e resultados. Isso tem contribuído para o fortalecimento das relações culturais do grupo, bem como para a identificação de alternativas viáveis para a resolução de problemas comuns.

A trajetória da pesquisa mostrou que a Comunidade possui uma cultura rica em saberes e fazeres relacionados aos modos tradicionais de produção agrícola, sendo possível confirmar que a agricultura faz parte da Comunidade Quilombola de Grota das Oliveiras, tendo importância central na identidade quilombola. A terra é sinônimo de sobrevivência, mas também de cultura e resistência, como possibilidade de cultivo das tradições e da própria comunidade, como uma agri(cultura) em sentido pleno.

Referências bibliográficas

ABA – Associação Brasileira de Antropologia. **Documento do Grupo de Trabalho sobre Comunidades Negras Rurais (Rio de Janeiro, 17-18 de outubro de 1994)**. Rio de Janeiro: ABA, 1994.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Quilombos e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALMEIDA, Márcia R.G.; NASCIMENTO, Elaine F. Ocupação, produção e resistência: terras quilombolas e o lento caminho das titulações. **Interações**, Campo Grande, v. 23, n. 4, p. 945-958, out./dez. 2022.

ANJOS, R. S. A. A geografia do Brasil Africano, o Congo e a Bélgica, uma aproximação. Revista Eletrônica: **Tempo - Técnica – Território**, Brasília, v.1, n.3. jan. 2010.

ARRUTI, José Mauricio. Quilombos. In: PINHO, Osmundo (Org.) **Raça: Perspectivas Antropológicas**. Campinas: Ed. Unicamp; Salvador: EDUFBA, 2008.

BRANDÃO, Carlo R. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2006.

FERNANDES, S. L.; SANTOS, A. O. Itinerários terapêuticos de mulheres quilombolas de Alagoas, Brasil. **Interfaces Brasil/Canadá**, n. 16, p. 137-153, 2016.

FERNANDES, Saulo Luder; GALINDO, Dolores C. G.; VALENCIA, Liliana P. A Identidade Quilombola: Atuações no cotidiano de mulheres quilombolas no Agreste de Alagoas. **Psicologia em Estudo**, v. 25, e45031, 2020.

FIDELIS, L. M. **Agricultura Quilombola e suas interfaces com a Agroecologia: Histórias e tradições ligadas à Agricultura tradicional do Quilombo João Surá**. Curitiba, 2006.

FIDELIS, Lourival M.; BERGAMASCO, Sonia M. P. P. Quilombos e a agroecologia: a agricultura tradicional como estratégia de resistência da comunidade quilombola João Surá. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros–Seção Três Lagoas/MS**, n. 18, Ano 10, Nov., 2013.

GIRALDO, Omar F. Geopoéticas de la agri-cultura y el agroextractivismo industrial: la pregunta por el habitar. **Geograficidade**, v. 5, Número Especial, p. 76-88, Primavera 2015.

LEONELLO, J. C. O associativismo como alternativa de desenvolvimento local na dinâmica da economia solidária. 2010. **Tese** (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

OLIVEIRA, A. G.; LIMA-PAYAYÁ, Jamille da. S. Região e regionalidade na educação escolar quilombola: contribuição para uma educação contextualizada. **Diálogos e Diversidade**, v. 2, p. 1-13, 2022.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. In: CRUZ, V. C.; O. D. A. (Orgs). **Geografia e Giro decolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. 1ed. Rio de Janeiro: Letra capital, 2017, v. 1, p. 37-56.

REIS, João José. Escravos e coiteiros no Quilombo do Oitizeiro: Bahia, 1806. In: REIS, J. J.; GOMES, Flávio S. (Orgs.) **Liberdade por um fio**. História dos Quilombos no Brasil. São Paulo, Cia. das Letras, 1996.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: Modos e Significados. Brasília: INCTI; UnB; INCT/ CNPq; MCTI, 2015.

SAVOLDI, A.; CUNHA, L. A. Uma abordagem sobre a agricultura familiar, Pronaf e a modernização da agricultura no sudoeste do Paraná na década de 1970. **Geografar**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 25-45, jan./jun. 2010.

SCHMITT, A. TURATI, M. C. M. PEREIRA, C. M. C. A Atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, ano V, n. 10, 2002.